

Após 101 anos, uma estreia

Ópera de Leonard Kessler, escrita em 1915, mas nunca apresentada, é destaque da programação do II Festival de Ópera do Paraná

Por João Luiz Sampaio

O nome Leonard Kessler perseguiu durante certo tempo o pesquisador Gehad Hajar. O foco de seu trabalho sempre foi a música brasileira, em especial as óperas. E foi justamente enquanto trabalhava no acervo de Nicolau dos Santos, compositor que atuou no Paraná no início do século XX, que ele achou uma referência ao nome do músico suíço e de sua ópera *Papilio innocentia*. “Pouco depois, ele reapareceu em um texto de Andrade Muricy, que falava do modo como ele utilizava o fandango paranaense na partitura. Mas era isso”, conta Hajar. A curiosidade só aumentava. Como soaria essa música de um compositor suíço, radicado no Paraná, para uma história sobre uma índia que se apaixona por um português?

A luz veio quando Hajar, há três anos, teve acesso ao acervo da pianista René Devraïne, uma das fundadoras da Escola de Música e Belas Artes do Paraná. “Repassando o material, lá estavam os manuscritos escritos a lápis, imagine só, de *Papilio innocentia*.” A curiosidade logo se transformou em um trabalho de revisão e edição da partitura, cuja versão para canto e piano acaba de ficar pronta e será apresentada neste mês no Teatro Guaíra, dentro da programação do II Festival de Ópera do Paraná, que tem direção-geral de Hajar, direção artística de Jean Reis e direção pedagógica de Marília Teixeira.

Kessler nasceu em 1881. Estudou em Paris e logo assumiu o posto de regente da Orquestra do Teatro Imperial de Riga. No início do século XX, passou a trabalhar com a Companhia de Operetas Paderesky. O grupo viajava o mundo e, pelas tantas, desembarcou no Brasil. Fez apresentações no Rio de Janeiro e em São Paulo. Chegou a Curitiba e, depois de uma temporada de sucessos, por algum motivo se desfez. Parte do conjunto voltou para a Europa. Mas não Kessler. “Ele ficou por aqui e logo se inseriu no meio musical. Em 1912, regeu a estreia de *Sidéria*, de Augusto Strasser, e se aproximou do compositor e regente Benedicto Nicolau dos Santos, autor de *Marumby* e maestro que regeu um dos primeiros concertos com obras de Villa-Lobos, que viveu durante um breve período no Paraná”, lembra Hajar. O libreto para *Papilio innocentia* foi escrito por Emiliano Pernetta, “príncipe

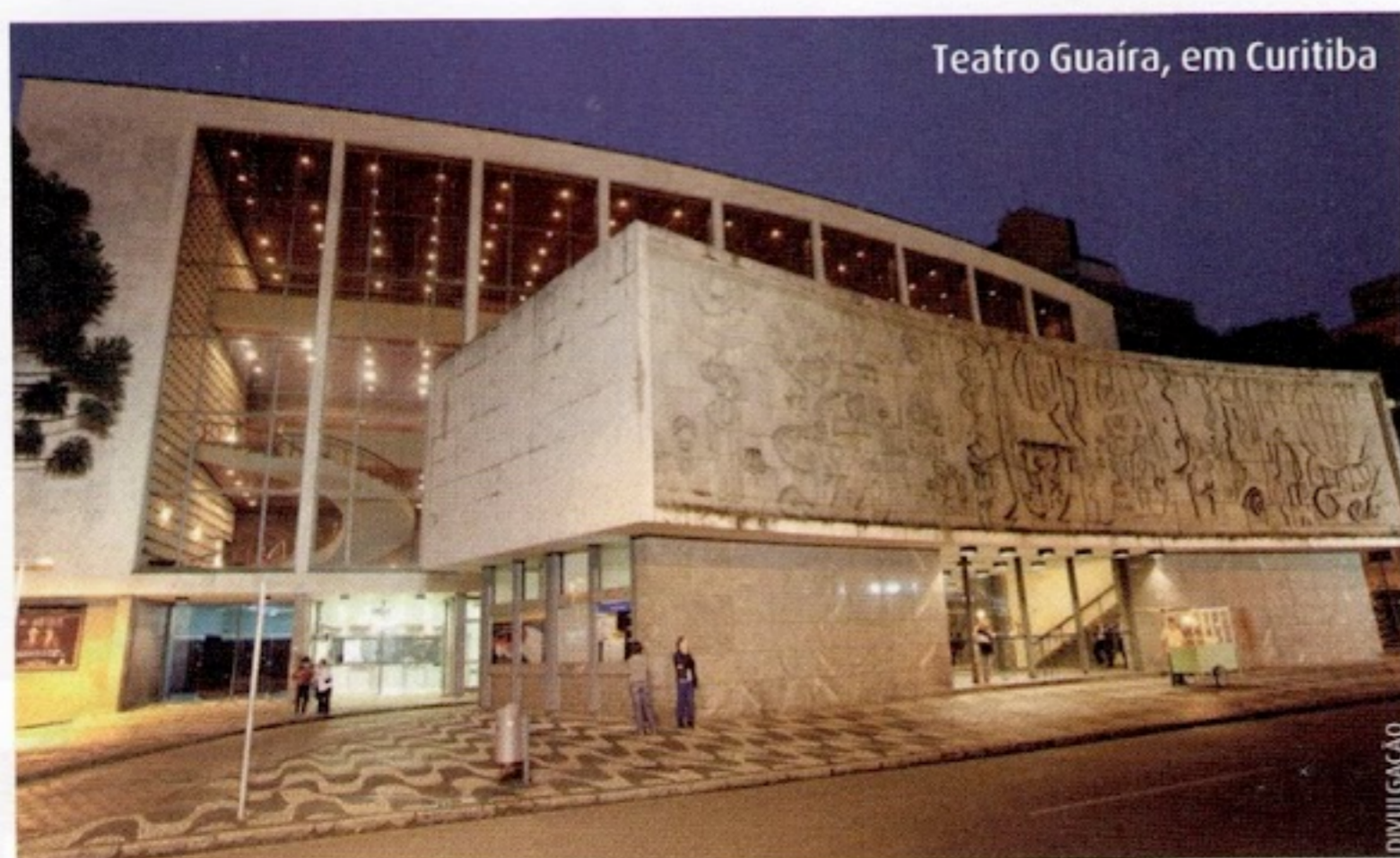
dos poetas simbolistas do Paraná”, baseado em argumento do Visconde de Taunay, “que foi presidente da província do Paraná”.

Sidéria e *Marumby* foram apresentadas na edição do ano passado do festival. E, em 2016, diz Hajar, estava na hora de Kessler subir ao palco do Guaíra. Justiça histórica. Coisas de Brasil, *Papilio innocentia* nunca estreou. “A ópera estava pronta, mas um político exigiu que o teatro fosse liberado na data prevista para a estreia, em 1915, para uma reunião. Os dias se passaram, e nada acontecia. Até que toda a equipe desistiu. Foi um golpe duro em Kessler, que em 1926 cometera suicídio. Estamos contentes que a filha dele, hoje com 96 anos, poderá acompanhar a apresentação.” Segundo Hajar, a música da ópera “é sua principal característica, com uma riqueza incrível, de forte influência germânica, mas preocupada também com elementos brasileiros”. A produção do festival, com acompanhamento ao piano de Priscila Malanski e direção musical de Hajar, será apresentada no dia 27.

A programação inclui também a primeira montagem brasileira profissional de *O franco-atirador*, ópera de Carl Maria von Weber que, no início do século XIX, marcou uma revolução dentro do gênero na Alemanha. A produção, com récitas nos dias 12, 13 e 14, será regida por Stefan Geiger, à frente da Orquestra Sinfônica do Paraná. No elenco, cantores como Luciana Melamed, Norbert Seidl, Ana Paula Machado e Axel Wolloscheck. “É um título importante para a história da ópera e para o público paranaense, com forte ascendência germânica; assim, parecemos interessante programá-lo”, diz Hajar. A Camerata Antiqua, por sua vez, vai apresentar a comédia madrigal *Barca di Venetia per Padova*, de Adriano Banchieri, que levará o público de volta ao momento do nascimento da ópera e de múltiplas formas de teatro musical. “A montagem está ficando bem interessante, teremos um barco no palco do Guairinha”, conta Hajar. Sucesso da edição do ano passado, *La serva padrona*, de Pergolesi, volta à programação, sendo apresentada ao ar livre e no Centro Cultural Sesi Heitor Stockler. Também estão previstas versões *pocket* de *La traviata*, de Verdi, e *Rita*, de Donizetti.

“A ideia de trazer *La serva padrona* de volta tem um pouco a ver com aquela que acreditamos ser a função do festival. O sucesso da montagem no ano passado foi enorme, com plateias repletas de jovens. O fato é que o público paranaense ficou muito tempo distante da ópera. E, se há um grupo de pessoas sempre interessado e presente, lotando o teatro, também se mostra necessário formar novas plateias, refazer um público que acabou não sendo alimentado e estimulado nos últimos tempos”, explica Hajar.

O Festival de Ópera do Paraná abrigará também uma destacada agenda pedagógica, dirigida por Marília Teixeira, que contará com a realização do Simpósio Brasileiro de Canto. ◀



Teatro Guaíra, em Curitiba

AGENDA

II Festival de Ópera do Paraná

De 12 a 27 de novembro, em Curitiba